

POLÍTICA

A difícil hora de pensar no país e no presidente Sarney

O ilustre homem público senador José Sarney, candidato à vice-presidência da República, simboliza, em nossa chapa de luta, a inabalável disposição de pelejarmos, cada vez mais irmanados, pelo triunfo de nossos ideais comuns.

A frase, do candidato a presidente da República Tancredo de Almeida Neves, está na abertura do discurso que fez na convenção peemedebista de agosto do ano passado, a reunião memorável que escolheu, elegeu a chapa da Aliança Democrática para disputar a sucessão presidencial. Momentos antes do discurso, a chapa, espelho da aliança política mais delicadamente urdida na história da República, havia sido aclamada com entusiasmo pelas galerias lotadas do plenário da Câmara dos Deputados. Uma aclamação que surpreendeu a todos, políticos e analistas políticos, que esperavam restrições, faixas negativas, em relação ao candidato a vice, até pouco tempo adversário do partido oposicionista e última constante dos ataques mais fortes dos peemedebistas situados mais à esquerda no espectro ideológico dessa grande frente.

Não houve registros mais intensos de manifestações hostis. O plenário, as galerias, os corredores, os gabinetes, os lugares principais e secundários da Câmara receberam um público que teve o mesmo comportamento: aclamar José Sarney. Aclamar o udenista, arenista, pedessista e agora peemedebista José Sarney, um homem político, sobretudo político. Depois dos gritos e das festas, a frase do ex-governador mineiro soou aos ouvidos do ex-governador maranhense, igualmente eleito pelo voto direto, como o atestado final de que ele estava definitiva e integralmente absorvido pelo partido oposicionista.

Tancredo Neves, com biografia oposicionista rica e pontilhada de atitudes contra os interesses dos vários partidos a que pertenceu o político maranhense, bordava publicamente com elogios o abraço recente que havia comemorado a vitória na convenção. Tancredo Neves, o político que sempre teve por hábito não dividir nada, que comparava a vitória a um segredo que não se conta para ninguém, chamava de irmão, na frente de todos, o antigo adversário. Redimia-o.

Na verdade, a redenção de José Sarney começara mais cedo, quando, mais uma vez de forma surpreendente, ajudou a materializar a única dissidência consequente do partido situacionista ao longo de todo regime militar. A constatação disso, pelo candidato a presidente, de viva voz, no entanto, teve um caráter definitivamente consagrador.

Desde sua constituição, quando foi lançado o Manifesto à Nação, a Aliança Democrática se propôs a servir de núcleo de uma grande coalização de partidos, políticos e tendências, norteadas pelo objetivo maiúsculo de reconciliar o Estado com a Nação. Uma parcela desses políticos e desses partidos já havia ejetado em grande parte essa reconciliação através do movimento popular pelas eleições diretas, que não conseguiu ser eficiente a ponto de vencer a batalha congressual. A Aliança Democrática representou o caminho para encontrar a eficiência necessária. Primeiro com Tancredo Neves e sua inesgotável capacidade para a negociação, para a articulação, para o jogo político. Depois com José Sarney, que renunciou a presidência do partido para converter-se no candidato dos liberais, há mais tempo na dissidência, mas sem um nome capaz de aglutinar todas as tendências.

A união dos dois homens públicos de biografias distintas, a aliança que passaram a personificar, foi assim sintetizada pelo candidato a presidente, no mesmo discurso aos convencionais: temos de compreender a verdade essencial de nosso pacto político. Nós o estabelecemos em favor de nossa gente. O Brasil que amamos não é entidade abstrata, feita apenas de símbolos, por mais que os veneremos. O Brasil que amamos está em cada coração e em cada alma de seus filhos. Restaurar, em seus olhos, o orgulho da Pátria, é a missão que nos cabe".

O presidente José Sarney tem consciência plena da missão que recebe em hora tão grave, carregada de tanta emoção. A alma de poeta garante-lhe um entendimento superior deste momento carregado de História e de tragédia, que se aproxima do fantástico, do irreal, que tem força imensa para derrubar ilusões, fortalecer os céticos e os aventureiros. A capacidade política, que lhe fez galgar estágios elevados de profissionalismo nesse ramo, certamente vai dar-lhe as luzes que precisa para levar o barco no rumo certo, traçado pelos aliados e apoiado, nas ruas, pelo povo. Se outra marca de Tancredo é não acabar seus projetos, fica, para o País, vivo, um político profissional, hábil, que planeja e executa. E sabe chorar.

José Sarney é o caminho natural do bom senso, característica que sempre tem faltado aos políticos brasileiros. Todas as discussões devem passar por ele, assim como para ele devem ser canalizadas as mais fortes esperanças de que este País venha, finalmente, a tornar-se um País. O exemplo de Tancredo Neves permanecerá. No sentimento popular, Tancredo vive. No gesto dos políticos, o espírito da conciliação deve prevalecer, para que o projeto dele seja executado.

Luiz Recena Grassi